

Carlos Frederico Pascale

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE CARL GUSTAV JUNG E SUA
CORRESPONDÊNCIA COM A TEORIA MIASMÁTICA DE ALFONSO MASI
ELISALDE

Trabalho apresentado como requisito à
conclusão do curso de Homeopatia do
ICEH orientado pelo Dr. Fábio Salgado
Mangolini e Dra. Ilka Viliod Martins

São Paulo

2009

Para Leandra e Gustavo, as razões do meu viver.

E para minha querida avó Theresa.

Agradecimentos:

À Dra. Ilka Viliod Martins pela orientação no conteúdo sobre Jung.

Ao Dr. Fábio Salgado Mangolini pela orientação no conteúdo sobre Elisalde.

À Dra. Miriam Akiel Mansour pelos ensinamentos na prática homeopática e pela amizade.

“O paradoxo da criação, do surgir das formas temporais a partir da eternidade, é o segredo germinal do pai. Ele jamais pode ser efetivamente explicado. Em conseqüência, há em todo sistema teológico um ponto umbilical, um calcanhar-de-aquiles que toda mãe-vida tocou e toda a possibilidade do perfeito conhecimento foi comprometida. O problema do herói consiste em penetrar em si mesmo precisamente através deste ponto, em abalar e aniquilar esse nó essencial de sua limitada existência.”

Joseph Campbell em “O Herói de Mil Faces”

RESUMO

O pensamento de Masi-Elisalde trouxe uma nova luz sobre a homeopatia, com uma nova compreensão do mecanismo de adoecimento e cura do ser humano baseado nos conceitos tomistas, nas sensações de perda, culpa e castigo do homem ao invejar os atributos divinos, fatos decorrentes da Queda. Traça a gênese e o desenvolvimento da doença, à partir dos desvios do intelecto e da vontade, e com a insistência nestes desvios, a maneira como a doença chega até o corpo físico, e como a homeopatia pode através dos medicamentos dinamizados recolocar o homem em ordem em seu intelecto e vontade e desta forma seguir o caminho da cura. A psicologia analítica de Jung nos mostra o mesmo mecanismo de outro ponto de vista, através do Processo de Individuação, explicando a formação do ego, da consciência, e de outros conceitos que discutiremos neste trabalho, e conseqüentemente, o surgimento das neuroses e psicoses tão notáveis em nosso meio, e também como o reconhecimento pelo indivíduo do andamento deste processo em sua história pessoal, o coloca no caminho da cura. Diferenciando-se na maneira como vê a história da Queda do ser humano, o pensamento de Jung tem por base os conceitos de arquétipo e de inconsciente coletivo. Assim, traçamos um paralelo entre os dois pensamentos, mostramos como os componentes do processo de individuação encaixam-se naqueles de psora primária, secundária e terciária de Elisalde, transformando a compreensão dos conceitos junguianos por parte do médico homeopata uma valiosa ferramenta na avaliação da dinâmica miasmática e da trajetória tomada pelo indivíduo.

ABSTRACT

Masi Elisalde's way of thinking has brought new light to homeopathy, with a new type of understanding of the human being's sickening and healing mechanisms. His ideas are based on Tomist concepts concerning facts deriving from the Fall, such as feelings of loss, guilt and punishment of the man for envying divine attributes. Elisalde conceives the genesis and the development of diseases as a result of deviations of the intellect and of the will: the insistence in such deviations is the way the disease reaches the physical body. This way, by means of dynamized medicines, homeopathy can organize one's intellect and will, so as to follow the way to healing. Jung's analytic psychology shows us the same mechanism from a different perspective, the Individuation Process, explaining the formation of the ego, of the conscience, as well as of other concepts to be discussed in this work. Given the frequent occurrence of neuroses and psychoses among us, the author describes how the recognition of their unfolding in the individuals' personal histories may lead the way to healing. Differing from Elisalde in the depiction of the history of the human being's Fall, Jung's viewpoint is based on archetype and collective unconscious concepts. Thus, we have drawn a parallel between these two standpoints to show how the component of the individuation matches Elisalde's primary, secondary and tertiary Psora. As a result, the understanding of Jungian concepts by the homeopathic doctor turn out to be a valuable tool in the evaluations of the miasmatic dynamics and of the pathway taken by the individual.

SUMÁRIO:

I. INTRODUÇÃO	8
II. OBJETIVOS	9
III. MATERIAL E MÉTODOS	9
IV. DESENVOLVIMENTO:	
2.1. Homeopatia e Psicologia Analítica	10
2.2. A Teoria Miasmática de Alfonso Masi Elisalde	12
2.3. Conceitos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung	18
2.4. O Processo de Individuação	20
V. DISCUSSÃO	27
VI. CONCLUSÃO	33
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

I. INTRODUÇÃO:

O estudo da obra de Samuel Hahnemann por parte de Alfonso Masi Elisalde trouxe uma visão ampliada sobre a natureza do homem e sua trajetória de adoecimento, nos fornecendo uma compreensão da sua totalidade e unidade como alma e corpo, e esclarecendo as fases pela quais passa o ser humano a partir do momento em que este, pelo seu “erro primitivo”, estabelece a base daquilo que será a real justificativa de seu sofrimento.

No campo da psicologia médica, após as descobertas de Sigmund Freud, o médico psiquiatra suíço Carl Gustav Jung desenvolveu suas teorias para além do pensamento daquele, introduzindo novos conhecimentos para o entendimento da psique humana, e estabeleceu aquilo que chamou de “Processo de Individuação”, determinando as figuras que influenciam o caminho do homem em sua individualidade, e de seu amadurecimento psíquico.

Escolhemos o estudo comparativo entre a Teoria Miasmática de Masi Elisalde e o Processo de Individuação de Jung, pois acreditamos que são teorias que fornecem ao médico homeopata e ao psicoterapeuta da linha junguiana formas de compreensão do homem como um ser não apenas constituído pelo seu corpo, como na medicina convencional ensinada nas escolas médicas, mas digno de individualização e peculiaridades que diferenciam o modo de viver de cada um de nós.

II. OBJETIVOS:

Alfonso Masi Elisalde e Carl Gustav Jung são dois dos maiores pensadores e práticos dentro das suas respectivas áreas de atuação, criaram teorias inovadoras para a homeopatia e a psicologia médica, e aproximam-se de forma notória em sua compreensão do ser humano.

Temos por objetivo com esta pesquisa mostrar que o Processo de Individuação simboliza, com outra linguagem e forma de abordagem, as etapas da psora pelas quais passa o indivíduo na história particular de sua saúde e da sua doença, e sendo verdadeira a relação entre os dois pensamentos, abrir a possibilidade da união das terapias homeopática e de psicologia analítica como ferramentas complementares no tratamento dos pacientes.

III. MATERIAL E MÉTODO:

Esta pesquisa foi realizada através do levantamento e leitura de bibliografia recomendada para o tema escolhido.

Pesquisar a correlação entre a Teoria Miasmática de Alfonso Masi Elisalde e o Processo de Individuação de Carl Gustav Jung, possibilitando uma visão conjunta de ambas, pode proporcionar um novo parâmetro de avaliação daqueles que procuram o homeopata e o psicoterapeuta.

Assim, foi feito o estudo da bibliografia e a correlação entre ambas as teorias.

IV. Desenvolvimento:

4.1. Homeopatia e Psicologia Analítica:

A história nos mostra como se desenvolveu o conceito de adoecimento do ser humano a partir do momento em que Samuel Hahnemann, o criador do método homeopático, colocou seus conceitos no seu livro “Doenças Crônicas”, publicado no ano de 1828, nos mostrando a existência de três tipos de miasmas, sendo estes a Sífilis e a Sicosose, de natureza venérea, e lançando a definição daquela que chamou de “mãe de todas as milhares de doenças incrivelmente variadas, agudas e crônicas não venéreas” (Hahnemann – 1999), a psora, cujo primeiro sintoma apresenta-se como um quadro de prurido extremamente intenso.

Este conceito de psora foi revisto por James Tyler Kent em suas “Lições de Filosofia Homeopática” (Kent – 2002), publicado originalmente no ano de 1900, quando nos introduziu a idéia de que “se a psora nunca tivesse sido estabelecida sobre a raça humana, as outras duas doenças crônicas seriam impossíveis” e que “todas as doenças do homem são edificadas sobre a psora”, dando à mesma a idéia de “enfermidade espiritual a partir da qual o primitivo estado da raça progrediu para o que pode ser chamada a verdadeira suscetibilidade à psora, a qual assentou a base para as outras doenças”, ou seja, para Kent, esta somente se estabeleceu sobre o homem a partir do momento da ocorrência daquilo que chama de erro primitivo da raça humana, um erro de caráter espiritual. Notamos então que, diferentemente de Hahnemann, Kent já estabelece a noção de que existe na

verdade um único miasma crônico, dito psora, e que este é decorrente de uma situação errônea vivida pelo homem anteriormente a este estabelecimento.

Alfonso Masi Elisalde durante seus anos de estudo e prática homeopática vem então, nos sedimentar a idéia de que a psora nada mais é que “a forma individual como cada sujeito vive a sua suscetibilidade, determinada pelo fato de o sujeito não ser perfeito” (Elisalde – 2004), adoece pelos desvios do intelecto e da vontade, ou seja, do mal pensar e mal agir, e que a doença é então o resultado de sua ruptura com Deus, pois antes de cair no estado de suscetibilidade o homem “não morria pois tinha consciência de sua divindade porque tinha boa atuação e sensações de bem-estar”¹. Logo, Elisalde conclui que Hahnemann usava na verdade conceitos de antropologia tomista, e que o homem adoece após a queda do Paraíso, por invejar os atributos divinos, do Criador.

O médico psiquiatra Carl Gustav Jung trouxe no início do século XX novidades no campo da compreensão da psique humana, que tomaram um rumo diferente do precursor da psicologia médica, Sigmund Freud, com a criação de conceitos dos arquétipos e do inconsciente coletivo, enquanto este último creditava os sintomas neuróticos e psicóticos a conteúdos de caráter puramente pessoal, reprimidos, aquele determinou o desenvolvimento psicológico do ser humano como “Processo de Individuação”, esclarecendo a formação do ego e da consciência, da persona e da sombra, anima, animus, personalidade mana, e o self, ou “si-mesmo”.

Desta forma, chegando a estes conceitos, procuraremos primeiramente defini-
los de forma clara e simples e mostrar como são comparáveis aos estágios da

¹A.M.Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 27.

dinâmica miasmática, proporcionando assim uma nova luz sobre a avaliação daquele que procura o tratamento homeopático.

4.2: A Teoria Miasmática de Masi Elisalde:

Através dos estudos dos textos de Samuel Hahnemann e da Suma Teológica de São Tomás de Aquino, Elisalde encontrou diversas semelhanças em seus conceitos e nos mostra que ao se referir a Deus, o criador da homeopatia o fazia referindo-se a um “Deus-pessoa, que é criador do universo e este é posterior a Ele”² e que, “neste universo está o homem que deve reinar sobre ele”³. A partir deste dado, acrescenta que “sua doença provém do fato de ter-se subtraído deste papel e sua missão consiste em se arrepender do mal feito e se reintegrar a Deus através da subordinação consciente e voluntária”⁴. Portanto, o homem adocece a partir do momento em que se desvia da Lei de Deus.

Para São Tomás de Aquino, e também para Hahnemann, o pensamento é monista em relação a corpo e alma. Fábio Mangolini nos mostra:

“É claro em São Tomás de Aquino, assim como em Aristóteles, um posicionamento monista, ou seja, uma absoluta unidade dos planos hierárquicos do ser humano; do mesmo modo que Hahnemann, não concebem a perturbação de um plano hierárquico sem a participação dos

² A. M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 45.

³ *Ibid.*, pág. 45.

⁴ *Ibid.*, pág. 45.

demais. Sendo o espírito o nível superior desta unidade, é em sua problemática que devemos buscar a origem da enfermidade”⁵.

Sendo um composto substancial, a alma então deve ser vista, para entendermos o processo do adoecimento, em seus níveis hierárquicos: o nível superior, **Racional**, correspondente ao espírito, e possui três potências: o intelecto, a vontade e a memória; o nível **Sensitivo** é responsável pela interação com o meio, permitindo o contato do intelecto com este, para que faça seus julgamentos; e o nível **Vegetativo**, responsável pela manutenção do organismo, possuindo as potências nutritiva, aumentativa e gerativa. Por último temos o Corpo Físico.

Para que estes planos hierárquicos da alma interajam com o ambiente, são necessárias suas faculdades, que são a **Estimativa**, o instinto animal que atende as necessidades do corpo, e a **Cogitativa**, responsável por emitir uma avaliação primitiva sobre aquilo que é benéfico ou prejudicial, que ativa então os apetites da alma, o concupiscível, que deseja, e o irascível, que nos faz fugir ou enfrentar algo que seja um obstáculo daquilo que é desejado pelo concupiscível.

Fábio Mangolini nos esclarece:

“A faculdade cogitativa é considerada a fronteira entre a alma sensitiva e a racional ou intelectual, pois há um esboço de raciocínio, um julgamento ainda muito primitivo. Portanto, todas as paixões da alma referidas ao contato com o meio têm uma conotação naquilo que excita considerações sobre o fim transcendente.”⁶

Temos, então, intelecto e vontade como as potências superiores da alma, e, portanto, de seu desacordo nasce a enfermidade. Elisalde acrescenta então que “o último objetivo do intelecto é o conhecimento do ente universal, que é

⁵ F. S. Mangolini, *Estudo da Doutrina Homeopática Segundo o Pensamento de Alfonso Masi Elisalde*, pág. 23.

⁶ *Ibid*, pág. 28.

acompanhado pelo desejo de adquirir aquilo que representa este ente universal, que é o Deus universal, ou bem-aventurança”⁷.

Com o seu livre-arbítrio, o homem, passando a pensar mal e a desejar mal, escolhe entre os estados de saúde e de doença. Estamos aqui muito distantes da doença puramente orgânica, tema da escola médica alopática hegemônica. Pensando então como as escolas psicopatológicas, sugere a “doença não como uma questão orgânica e sim como uma intervenção da psique”⁸, logo, devemos “nos organizar para encontrar sintomas da doença no entendimento e na vontade”⁹.

Com este raciocínio então, podemos perceber que a doença surge de uma situação em que o intelecto apresenta à vontade algo que é mal, o indivíduo passa a desejar mal e fica preso ao sensitivo perturbado, situação para onde foi levado pela vontade. Mas o intelecto tem o livre arbítrio de voltar a pensar o bem e apresentá-lo agora à vontade, mas esta necessitará de esforço e sofrimento para voltar a guiar-se pelo bem. Portanto, para chegar à cura, é necessário, de acordo com Elisalde, não possuir paixões ou então tê-las ordenadas, “tendo assim agora a vontade plena liberdade para seguir aquilo que o intelecto lhe apresentar (...) e devolvendo a liberdade destes instrumentos, facilitamos o cumprimento do elevado fim da existência”¹⁰.

⁷ A.M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 50.

⁸ *Ibid.*, pág. 53.

⁹ *Ibid.*, pág. 53.

¹⁰ *Ibid.*, pág. 54.

Todo este mecanismo, que ocorre no estabelecimento da doença na alma, está na verdade subordinado a uma questão ainda mais abrangente. Para pensarmos no adoecimento e na cura do indivíduo, devemos ter um modelo de saúde, que para Elisalde é Adão, em estado anterior ao pecado original, momento em que o homem ainda não havia ferido a Lei de Deus, isto é, não havia ainda pecado, e gozava dos dons preternaturais, que são a imunidade, imortalidade, integridade, ciência infusa e certeza da existência de Deus.

Fábio Mangolini esclarece em seu trabalho sobre o pensamento de Elisalde:

“Na realidade não interessa qual é a religião, se acreditamos em pecado original ou Adão e Eva, mas devemos aceitar a existência de um conflito espiritual ou metafísico na humanidade, que vai se expressar em cada cultura seja através do cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo, ou através de escolas iniciáticas; por um lado a existência de tantas doutrinas religiosas e filosóficas vem reforçar a existência desse conflito, que desdobra-se em diversas formas para atingir na realidade uma mesma finalidade: os altos fins da existência. Tudo isso são resquícios da ciência infusa”¹¹.

Partindo deste conflito de caráter metafísico, Elisalde embasa seu pensamento, solidificando seu conceito de psora como enfermidade essencial ao ser humano. Temos então a etapa primária da psora, quando “as reminiscências simbólicas do seu passado se manifestam na imaginação, e constituem sua sintomatologia, que se choca com a realidade temporal de imperfeição, vulnerabilidade e morte, gerando assim o conflito essencial cuja resolução, através do intelecto e da vontade, constitui o fim último do ser humano.”¹²

Vemos então sintomas que surgem nas patogenesias. A etapa primária da psora é o momento em que “todo homem tem consciência de que é vulnerável e

¹¹ F. S. Mangolini, *Estudo da Doutrina Homeopática Segundo o Pensamento de Alfonso Masi Elisalde*, pág. 29.

¹² *Ibid.*, pág. 36.

suscetível, apresentando três tipos de sensação, (...) temos gravado na essência humana as lembranças do que vivemos e perdemos”¹³, a época em que não éramos nem vulneráveis nem suscetíveis: esta a primeira das sensações, a de perda. A segunda é a culpa, que surge como uma “sensação de ter cometido um erro gravíssimo”¹⁴, e a terceira é o medo de que “a qualquer momento possa lhe acontecer alguma coisa; pressentimentos”¹⁵. Quando estes conteúdos, que não têm uma explicação aparente começam a ser vividos com sofrimento, é que surge a doença.

A etapa secundária da psora é caracterizada “pela alternância de reações e desse modo não acarreta em lesão estrutural”¹⁶, e surge nas patogenesias na forma de sintomas referidos ao meio externo, sendo então este o momento da individualização em homeopatia, ou seja, cada ser humano resume o seu sofrimento de maneira peculiar. Elisalde diz que “o que determinará a individualidade está naquilo em que o indivíduo construiu a sua vida, o lamento de uma carência em especial, vida que pode ser construída de forma doente ou sadia”¹⁷, e aquele que é sadio “livra-se das sensações dolorosas da sua psora primitiva dolorosa, e se transformará no motor que o impulsionará a se questionar sobre toda a sua vida.”¹⁸. Portanto, na psora secundária o homem projeta seus

¹³ A. M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 27.

¹⁴ *Ibid.*, pág. 28.

¹⁵ *Ibid.*, pág. 28.

¹⁶ F. S. Mangolini, *Estudo da Doutrina Homeopática Segundo o Pensamento de Alfonso Masi Elisalde*, pág. 36.

¹⁷ A. M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 29.

¹⁸ *Ibid.*, pág. 29.

sofrimentos, originalmente sem explicação, no meio em que vive, individualizando-se e mostrando-os ao seu modo particular.

Quando o indivíduo passa a constituir então as suas defesas, tornando-as fixas, pode fazê-lo das seguintes maneiras: fugindo do meio, o que significa destruí-lo ou autodestruir-se, o que chamamos de, respectivamente, alterlise e egolise; ou impondo-se a este de forma aberta, derrotando-o, chamada egotrofia franca, ou de forma dissimulada obrigar o meio a fazer o que desejamos para dominá-lo, chamada egotrofia mascarada. Esta é a etapa terciária da psora. “O meio disfarça o sofrimento de acordo com o maior ou menor êxito que o homem tenha na sua luta contra ele (...) o meio não é a causa, é invenção do homem, no fundo o problema continua a existir”¹⁹, esclarece Elisalde. Logo, a luta do homem contra o meio é vã, pois o alvo está errado e seja qual for o resultado desta luta, a verdade é que o sofrimento estará mais visível, ou então mais defendido. Então, “sendo alma e corpo uma unidade, o corpo tomará a mesma atitude da alma.”²⁰.

Mesmo assim, o indivíduo pode passar por crises em que sua angústia e seus medos ressurgem, tendo uma crise psórica, mas que se soluciona retomando o mecanismo de defesa antigo, ou estabelecendo um novo. Isto é o que é chamado de dinâmica miasmática. Alguém ainda psórico pode ser visto tomando atitudes de caráter sicótico (hipertrofia) ou sifilítico (destrutivo), mas sua defesa só é caracterizada quando este passa a usar uma destas atitudes de forma definitiva, fixa, e o corpo seguirá a alma, surgindo com o tempo a doença física. Portanto,

¹⁹ A. M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 31.

²⁰ *Ibid.*, pág. 32.

para o sucesso da abordagem e tratamento, é necessário “individualizar o sujeito e estabelecer o ponto em que ele simboliza toda a sua perda, pois estando em equilíbrio, este ponto será o motor que fará o indivíduo resolver todos os porquês e ‘para-quês’ da sua vida, edificará sua personalidade”²¹.

Para encontrar então, na prática homeopática, os sintomas que nos fazem chegar ao atributo divino que foi transgredido pelo indivíduo, pilar de todo seu sofrimento e adoecimento, Elisalde desenvolveu uma técnica de estudo da Matéria Médica, de cada medicamento, que agrupa os sintomas que têm determinada analogia, como por exemplo, tema da perda, da nostalgia ou da culpa. Assim, torna-se possível analisar todos os sintomas dos diversos níveis hierárquicos da alma, enxergando o indivíduo como uma unidade, compreendendo seu sofrimento, e prescrevendo-se o medicamento adequado ao alívio deste, em seu nível mais profundo.

4.3: Conceitos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung:

Existem dois conceitos que são fundamentais na compreensão da psicologia analítica e conseqüentemente do processo de individuação. São eles os arquétipos e o inconsciente coletivo.

Freud delega todas as alterações de cunho psicológico a um inconsciente individual, que abrange todos os conteúdos reprimidos pelo indivíduo, causa estas psicopatologias, e a conteúdos os quais não encontrou explicação em sua

²¹A. M. Elisalde, *Homeopatia Teoria e Prática*, pág. 33.

teoria dá o nome de resíduos arcaicos, ou seja, conteúdos que aparentemente não têm ligação com a história pessoal deste.

Jung, por sua vez, através da análise de seus pacientes e de suas próprias experiências e estudos, cria o conceito de inconsciente coletivo incluindo neste os chamados “resíduos arcaicos” de Freud. O inconsciente coletivo abrange, portanto, conteúdos que não são adquiridos pela experiência pessoal, colocando-o como “um segundo sistema psíquico de caráter coletivo, não-pessoal (...), e que não se desenvolve individualmente, mas é herdado”²². Relata Jung que o inconsciente coletivo consiste de formas pré-existentes, que se tornando conscientes dão forma definida aos conteúdos da consciência, que são os arquétipos.

O conceito de arquétipo indica a “existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo o tempo e em todo o lugar”²³, que em mitologia são denominados como “temas” ou “motivos”. Jung ressalta que o termo arquétipo fica mais claro quando relacionado com o mito, pois “os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma (...) todos os acontecimentos mitologizados da natureza são expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através da projeção.”²⁴ Os arquétipos então, são manifestados pelo homem na forma de símbolos, que estão presentes na mitologia e no nosso discurso do dia-a-dia.

²² C. G. Jung, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, pág. 54.

²³ *Ibid.*, pág. 53.

²⁴ *Ibid.*, pág. 53.

Logo, “a existência psíquica só pode ser reconhecida através de conteúdos que podem ser conscientizados”²⁵, sendo estes conteúdos chamados de complexos de tonalidade emocional, para o inconsciente pessoal, e para o inconsciente coletivo são chamados arquétipos.

4.4: O Processo de Individuação:

Assim sendo, devemos então perceber que o psiquismo do indivíduo abrange duas partes: o inconsciente, do qual já falamos e mostramos ser dividido em individual e coletivo, e o consciente.

Aquilo que é consciente está ligado aos conceitos de ego e consciência. A consciência está estreitamente ligada ao ego, e seu campo abrange “até os limites dos nossos conhecimentos das coisas que estão exteriores a nós”²⁶, o que, por exemplo, para alguém que vive numa cidade grande, diz respeito “a carros modernos, aviões supersônicos e indústrias, e para aquele que mora no campo, o trato com animais, e o trabalho no campo”²⁷. Mas este campo da consciência está sempre passível de um aumento, no caso de um homem do campo mudar-se para a cidade grande, ou vice-versa. Ou seja, novos conhecimentos serão apresentados ao ego, que é “o ponto de referência de tudo que faz parte do campo da

²⁵ C. G. Jung, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.*, pág. 53.

²⁶ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 3.

²⁷ *Ibid.*, pág. 3

consciência”²⁸, é o centro desta. O ego se forma conforme o indivíduo cresce, desde a percepção pessoal do próprio corpo e os estímulos recebidos pelo nosso físico, dos quais tomamos consciência. Segundo Jung, “o ego parece resultar em primeira instância da colisão do fator somático e o meio ambiente”²⁹, podendo desenvolver-se e modificar-se com a passagem do tempo, dissolvendo-se por causas patológicas ou sofrendo mudanças normais com o desenvolvimento psicológico do indivíduo. É importante salientar que o ego se tornará individual e único, e com suas características extremamente particulares, centralizará todo o esforço de adaptação do homem à vida.

No entanto, o psiquismo humano não se limita à vida consciente. A nossa porção inconsciente, como já citamos, está dividida em pessoal e coletiva. O inconsciente pessoal é formado por coisas que “se passaram ao nosso redor mas a que não demos atenção (...) ou coisas reprimidas, que fizemos força para não nos lembrarmos mais”³⁰. Estes eventos do inconsciente pessoal nos levam ao encontro de dois conceitos extremamente importantes, a sombra e a persona.

A persona forma-se ao mesmo tempo em que o indivíduo estrutura o seu ego, tendo então uma relação muito estreita com este, e também influencia sensivelmente a formação da consciência, “no amoldamento que o indivíduo vai se submetendo no aprendizado de como viver no seu meio, de que maneiras e

²⁸ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 3.

²⁹ *Ibid.*, págs. 3 e 4.

³⁰ *Ibid.*, pág. 21.

atitudes adequadas deve adquirir”³¹. Assim, a persona pode ser percebida nosso dia-a-dia e representa a forma como a pessoa deve apresentar-se perante a sociedade. É interessante salientar que a palavra persona era usada para nomear as máscaras usadas na antigüidade pelos atores em representações teatrais.

Em relação ao conceito de sombra, como o próprio nome já sugere, ela representa “tudo aquilo de sombrio, obscuro e tenebroso que existe em nós”³². Formando-se juntamente com o ego e a persona, passa a abranger os conteúdos que foram reprimidos durante a formação desta, “cujo tratamento abre por si o caminho para o conhecimento desta parte da personalidade”³³. Portanto, tudo aquilo que não é adequado em termos de atitude perante a sociedade, ou as coisas que desejamos, mas que não se encaixam dentro dos padrões desta, são, assim, direcionados para a sombra individual. O acesso aos seus conteúdos pode ser a chave para o caminho da resolução dos conflitos pessoais.

Ainda em relação à sombra, podemos dizer também que esta também é representada em sua forma arquetípica, como elemento do inconsciente coletivo, representando “toda a idéia do que é maldade, do tenebroso, e do negativo”³⁴.

Outros dois conceitos que são importantíssimos na compreensão do psiquismo humano são criados por Jung e denominados anima e animus. Eles são a contrapartida das características dominantes do sexo do indivíduo, sendo a anima o

³¹ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 10.

³² *Ibid.*, pág. 21.

³³ *Ibid.*, pág. 22.

³⁴ *Ibid.*, pág. 28.

lado feminino e inconsciente no homem, e o animus o masculino para a mulher. As características predominantemente masculinas são, por exemplo, cognição, discriminação e objetividade. Mas, “lá no seu inconsciente fica encerrada uma parte relativa a afetos e emoções, a parte feminina de seu psiquismo, que é a anima”³⁵. Para a mulher, acontece da forma inversa, ou seja, “ela se guia pelas faculdades de relacionamento, cujos fundamentos são os afetos e as emoções, e equilibrando isso, no seu inconsciente, vamos encontrar faculdades masculinas, relacionadas à discriminação das coisas”³⁶. O que deve ficar evidente é o fato de que tanto anima quanto o animus, apresentando-se nos melhores dos seus aspectos, equilibram o consciente e a persona, mas quando aparecem mostrando qual o lado mais fraco no homem e na mulher, surge o desequilíbrio que permite o patológico.

Para Marie Louise von Franz:

“A anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, os humores, os sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas não menos importante, o relacionamento com o inconsciente”³⁷.

“O animus na mulher aparece mais comumente como uma convicção secreta ‘sagrada’. Quando uma mulher anuncia tal convicção com voz forte, masculina e insistente, ou a impõe às outras pessoas por meio de cenas violentas, reconhece-se facilmente a sua masculinidade encoberta”³⁸.

A personalidade mana surge então após, no processo terapêutico, o homem ter reconhecido e dialogado com sua anima, e ter deixado de ser “um temperamental e vaidoso e a mulher com seu animus, tendo deixado de ser aquela que sempre

³⁵ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 41.

³⁶ *Ibid.*, pág. 47.

³⁷ C. G. Jung, *O Homem e Seus Símbolos*, pág. 234.

³⁸ *Ibid.*, pág. 251.

emite suas opiniões³⁹ não mais apresentando desvios no comportamento e exercendo (anima e animus) suas funções normais. Para o homem esta figura é a do “Grande Sábio” e para a mulher, a “Grande Mãe”. Esta é na verdade uma identificação com duas figuras arquetípicas que acabam por surgir nos sonhos ou fantasias de pessoas que, acreditando ter vencido sua anima ou animus, acreditam ser “possuidores de características mágicas, influentes, e fascinantes contidas nestas figuras”⁴⁰. Jung diz que “se o sentimento fosse tradução de algo verdadeiro, esse algo teria também influência nos outros”⁴¹. Sendo estas figuras representações de grande sabedoria e amor, são parte do inconsciente coletivo, logo, este fascínio não pertence ao ego. Para a resolução desta identificação a pessoa deve viver e reconhecer o fascínio existente nestes como um componente do inconsciente coletivo, e vivenciá-lo como arquétipo. Então, “encontra assim o centro do seu psiquismo, como o ponto de união entre esses dois mundos, o de fora que é a realidade de suas exigências corriqueiras, e o de dentro, que é o inconsciente”⁴². Este centro então que encontramos e do qual já estamos falando é o self, o centro da personalidade total do indivíduo.

O que podemos perceber então é que, durante a vigência das neuroses existe uma dissociação entre os conteúdos do consciente e do inconsciente, pois enquanto a pessoa atua em determinados momentos de forma equilibrada, sendo ela mesma, em outros momentos age de acordo com sua anima, no caso de um

³⁹ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 55.

⁴⁰ *Ibid.*, pág. 55.

⁴¹ *Ibid.*, pág. 55.

⁴² *Ibid.*, pág.57.

homem, por exemplo, revelando as características negativas desta, ou seja, ainda não existe um equilíbrio entre todas estas funções da psique. Então, ao atingir o self, na verdade o indivíduo encontra o centro de sua personalidade, o qual acreditava, antes deste momento, ser este centro o ego.

Por definição, o self é o centro da personalidade total do indivíduo. Mas não é possível conhecê-lo em seu todo, pois este contém todos os aspectos do inconsciente.

Cacilda Cuba dos Santos acrescenta ainda que:

“O self é transcendente pelo fato de que, podemos conhecer bem, de nossa personalidade total, apenas o nosso ego, pelo fato de que nossa consciência não pode comportar tudo o que é relativo aos arquétipos. Conseqüentemente, o self, como personalidade total, apresenta-se maior que nossa consciência e hierarquicamente superior ao ego”⁴³.

“O que apreendemos com a nossa consciência à custa de nossa força de vontade, exercida pelo ego, está sempre relacionado com este. O self, ultrapassando nossa consciência, ultrapassa nosso ego e nunca vamos poder chegar a conhecê-lo bem. É por isso que dizemos que o self é supra-ordenado ao ego, e transcendente”⁴⁴.

Todos estes aspectos do processo de individuação são analisados à partir dos sonhos e fantasias que a pessoa leva ao consultório do terapeuta junguiano, surgindo nas mais diversas imagens e representações simbólicas. Dentre estas figuras está o “Homem Cósmico”, que é “em algumas tradições, o objetivo, o destino da criação”.

Marie Louise von Franz nos esclarece:

“Na civilização ocidental, idéias semelhantes à do Homem Cósmico foram associadas ao símbolo de Adão, o Primeiro Homem. Segundo uma lenda judaica, ao criar Adão, Deus apanhou, inicialmente, dos quatro cantos do mundo, pó vermelho, preto, branco e amarelo, e

⁴³ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 64.

⁴⁴ *Ibid.*, pág. 64.

*assim Adão 'se estendia de uma ponta a outra da terra'. Quando se inclinava, sua cabeça ficava no leste e os pés no oeste. De acordo com uma outra tradição judaica, a humanidade inteira estava contida, desde o início, em Adão. A alma de Adão, portanto, era 'como o pavio de uma lamparina, composto de incontáveis fios'. Neste símbolo está claramente expressa a idéia de uma unidade total da existência humana, além de qualquer unidade individual'*⁴⁵.

⁴⁵ C. G. Jung, *O Homem e Seus Símbolos*, pág. 268.

V. DISCUSSÃO:

A forma como Elisalde e Jung vêem a idéia da divindade deve ser o início de nossa discussão, pois este é o ponto onde há uma divergência que, apesar de importante, não compromete a maneira como a trajetória do adoecimento e saúde do homem é visto por ambas.

A teoria de Elisalde tem por base a Suma Teológica de São Tomás de Aquino, que considera Deus como pessoa, com existência concreta. Já para a teoria junguiana, a figura de Deus é um arquétipo, ou seja, é uma idéia que faz parte do inconsciente coletivo, o mesmo se aplicando à figura de Adão, uma existência concreta para Elisalde, e uma idéia arquetípica para Jung. Outra característica da técnica elisaldeana é, como já citamos, o agrupamento dos sintomas em temas. A culpa, ou a perda, só podem ser expressas de forma simbólica pelo homem, o que também os encaixa no conceito de arquétipos.

Recorremos a Carlos Byington para ilustrar este aspecto:

“Nosso mito da criação nos diz que das trevas fez-se a luz, passando a relatar como Deus criou, organizou e batizou o mundo em sete dias. Este é um ótimo exemplo para percebermos como a psicologia analítica considera os símbolos dos mitos como expressão dos arquétipos do inconsciente coletivo na estruturação da consciência. A gênese começa a estruturar a consciência a nível mitológico-religioso com o ensinamento sobre a sua própria formação. A psicologia analítica continua esse ensinamento a nível científico, considerando Deus um dos grandes símbolos do arquétipo central”⁴⁶.

Já citamos Fábio Mangolini, quando diz que é preciso aceitar a existência de um conflito de caráter metafísico ou espiritual, e que esta idéia está presente nas mais

⁴⁶ C. Byington, *Desenvolvimento da Personalidade Símbolos e Arquétipos*, pág. 10.

diferentes culturas, como o judaísmo, cristianismo, islamismo e hinduísmo. O fato de este conflito espiritual representar a base destas filosofias espalhadas pelo mundo em regiões e culturas diversas, contado também de formas evidentemente diferentes, corrobora o conceito de Jung sobre o inconsciente coletivo.

Portanto, Hahnemann, baseando, segundo Elisalde, toda sua teoria sobre as idéias tomistas, o faz com a ênfase sobre algo que está sedimentado em sua cultura européia e cristã do fim do século XVIII.

Entendido o caráter cultural das bases do pensamento, podemos analisar, a partir do texto de Marie Louise von Franz, os pontos onde podemos notar a proximidade entre a teoria miasmática de Elisalde e o processo de individuação de Jung:

“O verdadeiro processo de individuação, isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self, em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada de conseqüente sofrimento. Este choque inicial é uma espécie de ‘apelo’, apesar de nem sempre ser reconhecido como tal. Ao contrário, o ego sente-se tolhido nas suas vontades ou desejos e geralmente projeta esta frustração sobre qualquer objeto exterior. Ou seja, o ego passa a acusar Deus, a situação econômica, o chefe, ou o cônjuge como o responsável por esta frustração.”⁴⁷

Neste parágrafo, já podemos observar claramente tanto aspectos da psora primária como da psora secundária. O nosso centro psíquico, ou self, representa, no caso, a alma, que inflige a “lesão à personalidade” ao escolher o atributo divino que a fez se afastar do Criador, tornando-se suscetível e vulnerável, mas ao mesmo tempo esta lesão torna-se um apelo porque, estando em equilíbrio, e sendo reconhecido este último, a lesão à personalidade é o ponto de partida para a

⁴⁷ C. G. Jung, *O Homem e Seus Símbolos*, pág. 219.

estruturação da saúde do indivíduo. Neste momento ele está na etapa primária da psora.

Se o apelo é ouvido, é sobre o estado de saúde, da maneira como nos explica Hahnemann no parágrafo 9 do Organon, que o indivíduo estabelece sua jornada:

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como ‘Dynamis’, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico, nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo da nossa existência”⁴⁸.

Quando o apelo lançado pelo self não é percebido, vemos então que é o intelecto que não o percebe, apresentando assim ao ego os fatos de uma maneira distorcida, possibilitando à vontade distorcê-los também, desejando o inadequado e então lançando no meio a culpa por seu sofrimento, o que nos caracteriza a etapa secundária da psora.

O passo seguinte neste processo é quando o indivíduo assume definitivamente a sua persona, agindo perante a sociedade de forma aparentemente adequada, mas por outro lado, abrindo as portas da etapa terciária da psora, em que reforçando o papel de sua persona, passa, por exemplo, a impor-se ao meio que acredita ser a causa de seu sofrimento, e simultaneamente reforça também a sua sombra, tanto a individual quanto a coletiva, que permanece mais profunda ainda no inconsciente, ficando assim cada vez mais dissociado e distante do “si-mesmo”, cada vez mais longe de enxergar e compreender o núcleo real de seu sofrimento.

⁴⁸ S. Hahnemann, *Organon da Arte de Curar*, pág.73.

É possível notar nesta fase do caminho o modo como, a anima para o homem, e o animus para a mulher, exercem sua influência, positiva ou negativa, para o desenvolvimento da personalidade. Citamos Marie Louise von Franz quando definimos estes conceitos e podemos então ver momentos em que um homem pode, por influência positiva de sua anima, estar psórico, com sensibilidade à natureza, ou ligado ao amor, ou como uma mulher pode estar na etapa terciária da psora, quando emite opiniões que julga absolutamente verdadeiras, impondo-as aos outros.

Logo, anima e animus são tendências que, em equilíbrio na psique, nos mostram o indivíduo em sua psora primária, e, quando desequilibrados, os mesmos atuam na psora terciária.

Estes dois conceitos tão importantes surgem também com o aspecto da imagem arquetípica, ou a idealização do arquétipo masculino e feminino para o homem e a mulher, influenciando também desta forma a etapa da psora em que o indivíduo se apresenta. Isto pode ser ilustrado pela figura que surge então no processo terapêutico, a da personalidade mana, com a qual a pessoa se identifica de forma errônea, levando-o a crer que é possuidor de uma sabedoria incomum, sendo esta identificação uma evidente característica da etapa terciária da psora, com egotrofia, provavelmente franca.

Para Jung, o verdadeiro processo de individuação acontece quando o indivíduo, ou o seu ego, defronta-se com os símbolos dos arquétipos da sombra, anima ou animus, e da totalidade, o self.

Então podemos proporcionar este encontro através do tratamento homeopático, medicando com o remédio adequado (quando possível o *simillimum*), ou pela psicoterapia nos moldes junguianos, ou ainda por ambas, fazendo o indivíduo perceber e refletir sobre as faces de seu inconsciente que influenciam sua vida consciente, e conseqüentemente ter acesso ao self, o si-mesmo, que para a homeopatia aqui discutida representa a alma racional, o nível hierárquico superior de homem.

Citando Cacilda Cuba dos Santos:

“O self é atingido quando o indivíduo integrou sua sombra pessoal ao seu consciente; conversou com sua sombra arquetípica; retirou suas projeções de anima ou animus; fez um diálogo com o Velho Sábio ou a Grande Mãe sem ter permanecido identificado com estes arquétipos (...), com toda esta evolução, o que acontece é que deixa de haver a cisão que existe na neurose, a dissociação entre consciente e inconsciente, que sempre traz consigo conflitos”⁴⁹.

Por ser o centro da personalidade total, o acesso ao self pode esclarecer qual o pecado cometido originalmente por esta alma, determinar sobre qual aspecto este indivíduo construiu sua trajetória de vida e conseqüentemente sua história de adoecimento.

Podemos notar também que toda esta trajetória inicia-se pelo self, quando este faz o “apelo” que citamos, e deve, necessariamente, se nosso objetivo é promover o verdadeiro estado de saúde, voltar a ele para que a compreensão promovida por estes processos terapêuticos ilumine o restante do caminho da pessoa que a eles se submeteu, com todos os aspectos sombrios e desagradáveis que se viu obrigada a reconhecer em sua própria personalidade.

⁴⁹ C. C. dos Santos, *Individuação Junguiana*, pág. 63.

Assim, resumidamente, temos o processo acontecendo da seguinte maneira: tudo começa e termina pelo self, como ponto de partida e de chegada. No momento da escolha do atributo divino invejado, já está formado o ego. Temos ao mesmo tempo, estabelecida a sombra coletiva, ou arquetípica, Todos estes eventos acontecem no estabelecimento de etapa primária da psora. Então, o sofrimento gerado por este erro interno, passa a ser projetado no meio, individualizando seu ego e caracterizando a etapa secundária da psora. O passar do tempo levará o indivíduo a estruturar seu ego, sedimentar sua persona e conseqüentemente aumentar o conteúdo de sua sombra individual, sob a influência da anima para o homem e do animus para a mulher. Necessário é percorrer o caminho de volta para o self, onde tudo começou.

A alma jamais voltará ao estado em que se encontrava antes do pecado original, o ego jamais poderá tomar consciência de todos os conteúdos do inconsciente, o que representaria retomar a ciência infusa, e voltar ao Éden. Em contrapartida, a partir deste momento, o homem está apto a retornar de sua aventura para dentro de si mesmo e viver de forma equilibrada sua vida, tendo assim a possibilidade de, como disse o mestre de Meissen, "atingir o mais elevado objetivo da nossa existência"⁵⁰.

⁵⁰ S. Hahnemann, *Organon da Arte de Curar*, pág.73.

VI. CONCLUSÃO:

Podemos então dizer que ambas as teorias vêem o homem como uma unidade entre a parte não material, que é a alma para a homeopatia na visão de Elisalde e a psique para a psicologia analítica, na visão de Jung, e a parte material, que é o corpo físico, sofre as conseqüências de um desvio na alma, através de sintomas puramente mentais, objeto de estudo de um psiquiatra como Jung, ou mentais como também físicos, como interessou a Hahnemann na criação do pensamento homeopático.

De formas diferentes, a figura de Deus está no centro, com seu caráter cultural, cristão, para o pensamento de Elisalde, e como principal arquétipo do inconsciente coletivo para Jung. Independente do ângulo que se observa esta questão, a verdade é que o Criador influencia a alma em seu caminho de forma determinante. É impressionante como duas teorias que apresentam noções tão diversas de Deus, uma com fundamento teológico e a outra colocando-O como arquétipo, descrevem o processo de adoecimento e cura do ser humano de forma tão semelhante, mostrando ao homem que apenas voltando-se para dentro de si mesmo encontrará a solução de seus males.

Assim, este impulso dado pelo divino, rege toda a história de vida do indivíduo, que passará certamente por todas as etapas da psora, demonstrando como tudo que está em seu inconsciente, representado pelas figuras que surgem no processo de individuação e que influenciam sua vida consciente. O equilíbrio na compreensão destas determinará uma nova vida em estado de saúde daquele que

chegou a este entendimento. Ambas as teorias mostram que é preciso o sofrimento do processo de entrar em contato com a psora primária, ou seja, com seu inconsciente, para que se tome nas mãos a chave para a cura. Esta cura permite ao indivíduo viver em paz com seu passado e seus erros.

Todos estes aspectos que são comuns aos pensamentos de Elisalde e Jung podem permitir que, ambos os tratamentos sendo realizados em concomitância, forneçam ao homeopata adepto a teoria de Elisalde e ao psicólogo da linha junguiana, dados que proporcionem uma melhor compreensão do indivíduo por parte destes, otimizando o sucesso de qualquer uma delas, como em uma via de duas mãos.

Portanto, colocamos como sugestão deste trabalho um possível estudo prospectivo com indivíduos tratados apenas com homeopatia, outros tratados com psicoterapia e um terceiro grupo com ambos, com análises de melhora de sintomas clínicos e mentais, classificando-os dentro da dinâmica miasmática, e detectando as etapas percorridas no processo de individuação.

Concluimos enfim que os pensamentos de Elisalde e Jung, não obstante as diferenças conceituais e no modo como são apresentadas, consideram o homem de uma forma extremamente semelhante, que torna válido e coerente o paralelo aqui traçado.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BYINGTON, C. – Desenvolvimento da Personalidade Símbolos e Arquétipos, 1ª edição – Ática, São Paulo, 1987.
2. ELISALDE, A. M. – Homeopatia Teoria e Prática, 1ª edição – Luz Menescal, Rio de Janeiro, 2004.
3. HAHNEMANN, S. – Doenças Crônicas – tradução da 2ª edição alemã (1835) – 5ª edição brasileira – Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure, 1999.
4. HAHNEMANN, S. – Organon da Arte de Curar, 6ª edição – Robe, São Paulo 2001.
5. JUNG, C. G. – Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, 6ª edição – Vozes, Petrópolis, 2008.
6. JUNG, C. G. – O Homem e Seus Símbolos, 2ª edição especial brasileira – Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.
7. KENT, J. T. – Lições de Filosofia Homeopática, 2ª edição – Organon, São Paulo, 2002.
8. MANGOLINI, F. S. – Estudo da Doutrina Homeopática Segundo o Pensamento de Alfonso Masi Elisalde – Monografia apresentada como quesito para conclusão do curso de especialização em homeopatia da Associação Paulista de Homeopatia, São Paulo, 2000.
9. SANTOS, C. C. – Individuação Junguiana, 1ª edição - Sarvier, São Paulo, 1976.

